

DIMENSÕES

Revista de História da Ufes

Memórias Migrantes de Venezuelanos/as no TikTok: afetos, performatividade e disputas de pertencimento

Venezuelan Migrant Memories on TikTok: Affection, Performativity, and Contested Belonging

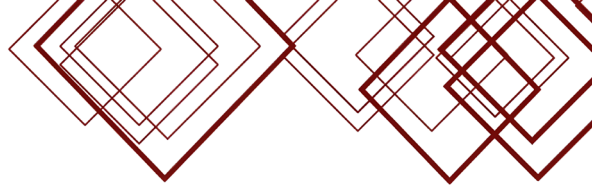
Gabriel Antonio Butzen¹

Tereza M. Spyer Dulci²

Resumo: Este artigo investiga como memórias migrantes de venezuelanos/as são produzidas, performatizadas e disputadas no TikTok, entendendo a memória como prática social situada, atravessada por afetos, desigualdades e fronteiras simbólicas. A pesquisa adota abordagem netnográfica, com análise de dez vídeos selecionados por palavras-chave, incluindo seus comentários e modos de circulação. Identificaram-se três formas narrativas: relatos diretos, performances estéticas e reaproveitamento de entrevistas. Os resultados indicam que fome, saudade, trabalho precarizado, racismo,

1 Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestre em História pelo PPGHIS da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), onde também concluiu a graduação em História (Licenciatura) e a especialização em Ensino de História da América Latina. É graduado ainda em Filosofia (modalidade a distância) pelo Centro Universitário Internacional UNINTER. Também é associado a Associação Nacional de História (ANPUH) e a Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia (SBTHH). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9009-4757>. E-mail: gabrielantoniobutzen@gmail.com.

2 Bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo (USP), com mestrado e doutorado em História Social pela mesma instituição. Possui especializações em: (1) Epistemologias do Sul, (2) Estudos Afro-Latino-Americanos e Caribenhos, e (3) Memórias Coletivas, Direitos Humanos e Resistência, todas pelo Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO). Pós-doutorado realizado no Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe (CIALC), da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Entre 2011 e 2023, foi professora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Segue vinculada a esta universidade, atuando na Especialização em Ensino de História e América Latina (EHAL), no Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPGICAL) e no Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS). Atualmente é professora Associada do Departamento de História (DEHIS) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Editora-chefe da Revista Espirales (UNILA - Qualis A1) e da Revista Laje (UFBA). Integra a Associação Nacional de História (ANPUH) e a Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas (ANPHLAC), tendo sido presidente desta última entre 2020 e 2022. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3891-2577>. E-mail: terezaspyer@gmail.com



xenofobia e pertencimentos transnacionais estruturam essas narrativas como performances de dor, resistência e afirmação de dignidade. Conclui-se que o TikTok opera como espaço digital de disputa de sentidos sobre a migração venezuelana, convertendo registros cotidianos em expressões afetivas e políticas de memória.

Palavras-chave: Memórias migrantes; TikTok; performatividade; fronteiras simbólicas; venezuelanos/as.

Abstract: This article investigates how migrant memories of Venezuelans are produced, performed and contested on TikTok, understanding memory as a situated social practice shaped by affects, inequalities and symbolic borders. The study adopts a netnographic approach, analyzing ten videos selected through keyword searches, along with their comments and circulation patterns. Three narrative forms were identified: direct testimonies, aesthetic performances and repurposed media interviews. The results show that hunger, longing, precarious work, racism, xenophobia and transnational belongings structure these narratives as performances of pain, resistance and claims to dignity. The article concludes that TikTok operates as a digital arena for the negotiation of meanings about Venezuelan migration, turning everyday records into affective and political expressions of memory.

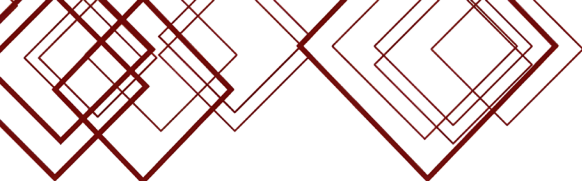
Keywords: Migrant memories; TikTok; performativity; symbolic borders; Venezuelans.

Introdução

77

No TikTok, vídeos sobre migração viralizam entre risos, lágrimas e disputas. A fronteira torna-se menos um marco territorial e mais uma batalha simbólica. É nesse ambiente que se insere este artigo, dedicado às memórias migrantes de venezuelanos/as em circulação na plataforma. Destaca-se o TikTok por ser a segunda rede social mais utilizada na Venezuela, com 13,8 milhões de usuários acima de 18 anos, atrás apenas do Facebook (DATAREPORTAL, 2025).

A crise migratória venezuelana, uma das maiores do mundo, já levou cerca de 8 milhões de pessoas a deixarem o país desde 2014, das quais 6,5 milhões se estabeleceram no próprio continente. Os principais países de acolhimento, em ordem de volume recebido, são Colômbia, Peru, Brasil, Estados Unidos e Chile. Nesses contextos, os/as migrantes enfrentam desafios como sistemas de asilo lentos e, em alguns casos, de-



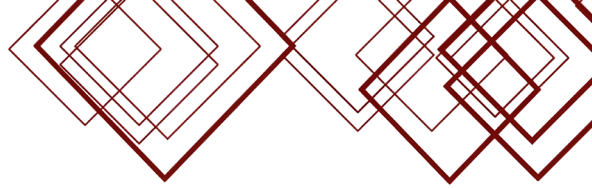
portações sem o devido processo legal (HRW, 2025; UNICEF, 2024).

Abordar essas trajetórias pelo viés da memória, especialmente no TikTok, desloca o olhar da explicação estrutural para formas de agência, afeto e pertencimento elaboradas pelos/as próprios/as migrantes. Assim, o estudo contribui para o campo das memórias migrantes ao analisar as dimensões performativas e afetivas de produção de sentidos em uma plataforma ainda pouco explorada nos estudos sobre migração. O objetivo é examinar como essas memórias são acionadas, contestadas e ressignificadas, reconhecendo a centralidade do TikTok na comunicação juvenil e popular, marcada pela brevidade, pela viralidade e pela performatividade. Nos vídeos analisados observam-se tanto estigmas quanto reações críticas baseadas em memórias compartilhadas, trajetórias de vida e vínculos transfronteiriços.

78

Longe de ser mero repositório de conteúdos, o TikTok constitui um espaço em disputa para o ensino e aprendizado de história (Butzen; Dulci, 2024a) e para a construção de memórias relacionadas a passados sensíveis (Butzen; Dulci, 2024b). Ao concentrar formas expressivas próprias de juventudes e de grupos historicamente marginalizados, a plataforma opera como território de criação de sentidos que desafiam cânones narrativos e formatos tradicionais de representação. Essa disputa é fundamental para compreender como as memórias migrantes circulam no ambiente digital. Elas aparecem por meio de performances audiovisuais marcadas por ironia, emoção, denúncia e afetos compartilhados, revelando formas de narrar que escapam às linguagens institucional, documental ou jornalística e que tensionam modos hegemônicos de contar, ver e lembrar.

O artigo ancora-se no campo dos estudos da memória e no giro memorial, que entendem a memória como arena de conflitos e ativação

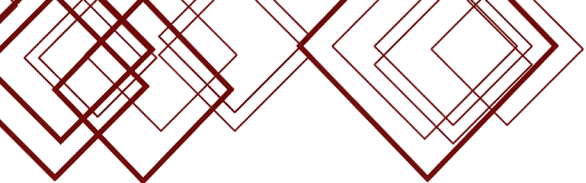


seletiva do passado. Jelin (2002) destaca seu caráter situado e disputado, sobretudo entre atores com diferentes acessos ao poder. As memórias migrantes, compreendidas como práticas sociais transnacionais, tensionam fronteiras institucionais, culturais e epistêmicas (ASSMANN, 2008; 2011). Perguntas como “quem tem o direito de lembrar?”, “com quais meios?” e “com quais efeitos?” orientam a reflexão. No TikTok, emergem tanto discursos oficiais quanto contra-memórias populares, compondo uma arena pública digital da memória.

Como destacam Creet e Kitzmann (2011) e Palmberger e Tosić (2016), as memórias migrantes são narrativas móveis que questionam a hegemonia de narrativas nacionais. No TikTok, essas memórias são ativadas por sujeitos frequentemente excluídos da memória oficial, que produzem sentidos alternativos sobre pertencimento, cidadania e justiça. São performances situadas, moldadas por desigualdades de classe, gênero e raça, elementos centrais para compreender processos de exclusão e reconhecimento.

Metodologicamente, adota-se a netnografia, voltada para a observação de práticas culturais e sociabilidades digitais. Adaptada da etnografia tradicional, ela privilegia imersão, análise de discursos, imagens e interações, bem como das performances que compõem os ecossistemas das plataformas (KOZINETTS, 2019). Nesta pesquisa, analisam-se doze vídeos publicados entre janeiro de 2023 e março de 2024, selecionados por palavras-chave e níveis de engajamento. A análise articula netnografia e análise de conteúdo (CAVALCANTE et al., 2014), identificando padrões temáticos e sentidos atribuídos à figura do migrante.

Nesses vídeos, mais que informar, os/as usuários/as performam memórias e disputam regimes de visibilidade. Elementos visuais, trilhas sonoras e estratégias narrativas intensificam afetos e criam alianças e



antagonismos. Como afirmam Jelin e Vinyes (2021), lembrar é interpelar o presente e projetar futuros, prática evidente no TikTok, onde se tensionam os sentidos de fronteira e identidade migrante. Assim, a plataforma se configura como espaço de elaboração e embate de memórias, onde fronteiras simbólicas são negociadas e reconfiguradas. Sua circulação também evidencia o que Erll (2011) denomina “memórias em trânsito”, narrativas que atravessam territórios, línguas e comunidades e atualizam repertórios em meio à migração.

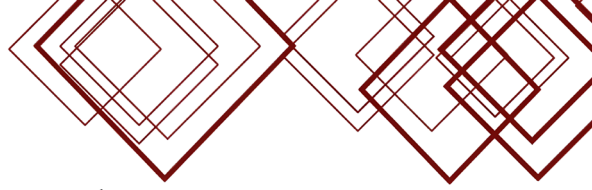
O artigo organiza-se em três seções, além da introdução e das considerações finais: a primeira apresenta o marco teórico; a segunda discute a metodologia e analisa o conjunto de vídeos; a terceira reflete sobre os sentidos políticos dessas memórias e o papel das plataformas digitais como arenas de disputa simbólica e reivindicação por reconhecimento.

80

Marco teórico: memória, migração e plataformas digitais

A compreensão das memórias migrantes no TikTok exige recuperar, ainda que brevemente, os aportes clássicos da memória social. Halbwachs (2006) concebe a memória como fenômeno coletivo, apoiado nos quadros sociais que moldam o que pode ser lembrado; Nora (1984), ao discutir a ruptura moderna entre memória e história, propõe os lugares de memória como cristalizações simbólicas desses conflitos. Esses referenciais inauguram o entendimento da memória como campo marcado por disputas, seleções e silenciamentos, fundamento sobre o qual o giro memorial se consolida.

Autores/as desse giro, como Jelin e Vinyes (2021), deslocam o foco da autenticidade do passado para seus usos sociais, entendendo a memória como prática política situada em contextos desiguais de enun-

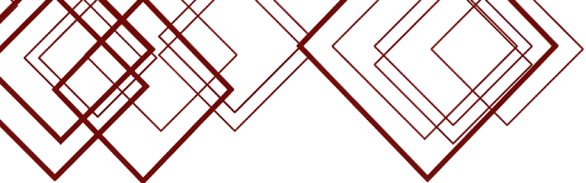


ciação. Jelin destaca as lutas por reconhecimento que atravessam sua produção, enquanto Vinyes sublinha a disputa entre Estado, sociedade civil e sujeitos subalternos, bem como os riscos de a institucionalização neutralizar a potência insurgente dessas narrativas.

A emergência das memórias migrantes conecta esse campo conceitual às dinâmicas da mobilidade. Creet e Kitzmann (2011) apontam que o deslocamento produz e é produzido por narrativas que configuram pertencimentos e subjetivações. Palmberger e Tosić (2016) ampliam essa discussão ao propor a noção de memória em movimento, marcada pelo trânsito transnacional, pela hibridiz e pela circulação contínua de significados na reconfiguração identitária.

Essas elaborações ganham novas camadas no ambiente digital. Plataformas como o TikTok funcionam como arenas de visibilidade, estigma e resistência, onde memórias fragmentadas, afetivas e performativas se tornam compartilháveis, contestáveis e ressignificáveis. As memórias migrantes não apenas narram experiências passadas, mas intervêm no presente, projetam futuros e operam como formas de resistência simbólica diante de regimes de racialização e controle da mobilidade (ANTHIAS, 2012; PIPER, 2009). A circulação digital transforma eventos isolados em narrativas partilhadas que atravessam comunidades e países, gerando repertórios comuns. Esse campo permite também uma leitura crítica das fronteiras. Brah (2005) argumenta que a fronteira é simultaneamente geopolítica, simbólica e afetiva, e os relatos migrantes tensionam sentidos fixos de nacionalidade e origem.

As memórias migrantes são igualmente práticas afetivas. Ahmed (2004) mostra que afetos circulam entre corpos, moldando pertencimentos, exclusões e solidariedades. Expressões de saudade, dor, rejeição ou orgulho, recorrentes nos vídeos analisados, funcionam como vetores



de enunciação política, fazendo do TikTok um espaço de intensificação afetiva. Rivera Cusicanqui (2010) reforça que corpos são arquivos vivos da memória: marcas, gestos e silêncios resistentes à homogeneização das narrativas nacionais. A presença dos corpos migrantes diante da câmera evidencia essa dimensão encarnada.

Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer a ambivalência da plataforma. A lógica da viralização e da economia da atenção pode espetacularizar dores e transformar vulnerabilidades em objetos de consumo afetivo, como alerta Sibilia (2015). Essa tensão entre visibilidade e coisificação atravessa o material analisado.

82 Em conjunto, esses aportes sustentam a análise proposta: as memórias migrantes são práticas sociais e políticas em disputa, atualizadas nos circuitos digitais e capazes de desestabilizar discursos hegemônicos sobre fronteiras, pertencimentos e identidades. Ao articular o marco teórico às dinâmicas das plataformas digitais, buscamos compreender como essas memórias circulam, se performam e se tornam politicamente significativas no TikTok.

Netnografia e análise de conteúdo no TikTok

A netnografia constitui uma das principais metodologias para compreender o TikTok como espaço comunicacional e de produção de sentidos. Como propõe Kozinets (2019), trata-se de uma abordagem qualitativa baseada na imersão sistemática do/a pesquisador/a nos ambientes digitais investigados. Essa imersão é indispensável para analisar as dinâmicas próprias da plataforma, como já indicado por Butzen e Dulci (2025) em estudos sobre práticas narrativas no TikTok.

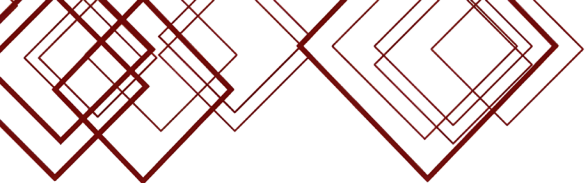
Embora originalmente associada a vídeos curtos de dança, a pla-



taforma consolidou-se como rede social central para entretenimento, circulação de informações e expressão pública de posicionamentos. Seu algoritmo, altamente responsivo, impulsiona conteúdos a partir das interações dos/as usuários/as. Curtidas, salvamentos, compartilhamentos, republicações e comentários constituem métricas fundamentais para ampliar a visibilidade dos vídeos, ao passo que conteúdos pouco engajados tendem ao desaparecimento. Chamadas de ação são frequentemente utilizadas pelos/as criadores/as para estimular essas interações, permitindo observar como ideias e narrativas são apropriadas, contestadas ou resignificadas no ambiente digital.

Entre essas métricas, o número de curtidas destaca-se como uma das variáveis de maior impacto na visibilidade, razão pela qual foi considerado na análise. Contudo, o foco não está em mensurar alcance, mas em compreender sentidos atribuídos ao compartilhamento de memórias, afetos e experiências. Os comentários também se configuram como espaços privilegiados de troca, ativação de lembranças e elaboração coletiva de narrativas. Dado o volume e a natureza efêmera dessas interações, não foi possível computá-las integralmente. Sua análise completa demandaria um estudo de recepção específico. Ainda assim, reconhecemos que o ato de rememorar no TikTok opera dentro de lógicas de atenção e visibilidade que podem envolver expectativas de fama, monetização e socialização temática, como assinalam Santos Neto e Bressan Júnior (2024).

A netnografia no TikTok foi conduzida entre novembro de 2024 e maio de 2025, período em que se buscou compreender padrões de uso, circulação e engajamento na plataforma. A seleção dos vídeos ocorreu especificamente nos dias 9 e 10 de maio de 2025, utilizando a aba de busca da versão para computador. Em vez de *hashtags*, que tendem a ser instáveis e dispersas, foram empregadas palavras-chave como

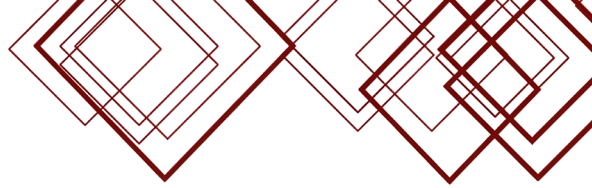


“recuerdo”, “migrantes” e “venezolanos”. A aba de busca reúne cinco categorias (melhores, usuários, vídeos, live e fotos); entre elas, foi utilizada apenas a seção “vídeos”, que apresenta conteúdos variados e não necessariamente vinculados a perfis específicos. Essa opção possibilitou incluir produções de usuários/as com pouca visibilidade, ampliando a diversidade de narrativas, estéticas e formas de memória presentes no *corpus*. Nessa mesma aba os critérios de apresentação dos vídeos não são somente as métricas de engajamento - como as curtidas - mas também uma relação com o tema pesquisado.

84

Esse critério decorre da própria imersão netnográfica (Kozinets, 2019; Butzen; Dulci, 2025), exigindo ajustes contínuos, dada a fluidez e a instabilidade do ambiente digital. Após a primeira filtragem, os vídeos foram assistidos integralmente, selecionando-se aqueles nos quais o perfil era reconhecidamente venezuelano e que acionavam algum tipo de relato (oral, performático ou derivado de entrevistas). Como é comum que um mesmo conteúdo seja repostado por diferentes perfis, procurou-se priorizar vídeos distintos entre si. Definiu-se, de forma arbitrária, o número de dez vídeos, dada a limitação analítica deste artigo. Não se pretendeu formar amostragem exaustiva, o que seria inviável diante da constante atualização da plataforma. Assim, priorizou-se uma seleção que refletisse a pluralidade de formatos e experiências.

A análise das tipologias e dos comentários combinou netnografia e análise de conteúdo, conforme Cavalcante et al. (2014). A partir desse cruzamento, foram identificadas três categorias: (1) Relato de Memórias (RM), marcado pela narração direta das experiências; (2) Memória em Performance (MP), que mobiliza recursos estéticos característicos da plataforma; e (3) Relato de Memória em Entrevista (RE), formado por trechos de entrevistas de mídias tradicionais que são editados e republicados no TikTok. Essas categorias são híbridas e podem se sobre-



por, como argumenta Adriaansen (2021), uma vez que a multimodalidade típica das redes sociais se expressa na combinação de texto escrito, narração, imagem, música e diferentes formatos reunidos em um único vídeo.

A tabela apresentada na seção seguinte reúne os perfis analisados (com *hiperlinks*), número de curtidas e a tipologia correspondente. Os dados refletem o momento da coleta (9 de maio de 2025) e podem sofrer variações, dada a dinâmica acelerada da plataforma. Como observam Araújo e Pereira (2019), a busca por atualizações permanentes é parte intrínseca do ambiente digital, mas desafia qualquer tentativa de monitoramento contínuo no contexto da pesquisa acadêmica.

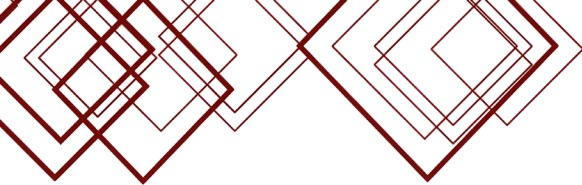
Por fim, seguimos a diretriz ética de Kozinets (2019): ainda que o TikTok seja um ambiente público, os nomes de usuários/as que comentaram não serão divulgados. Apenas o conteúdo textual será citado, evitando exposições indevidas e preservando a privacidade das pessoas envolvidas.

Disputas simbólicas e performatividade migrante no TikTok

Tabela 1 – Vídeos analisados

Nome do perfil	Curtidas	Categoria	Data de publicação
@georg3342	262000	Relato de memórias	04/07/2024
@ruthuzcategori4	73400	Relato de memórias	20/02/2025
@abitiktokconsejos	22	Memória em performance	07/05/2025
@remesadaniel	216	Relato de memória em entrevista	21/01/2024
@mariita_012	4293	Memória em performance	16/01/2024
@suaaaaave	62600	Memória em performance	11/02/2025
@laparejamasaburrida	102900	Relato de memória em entrevista	27/02/2025
@victorcastillonews	6918	Relato de memória em entrevista	30/10/2023
@naodreman	151	Memória em performance	19/12/2024
@latinanoticias	25500	Relato de memória em entrevista	11/05/2023

Fonte: Elaborado pelos autores

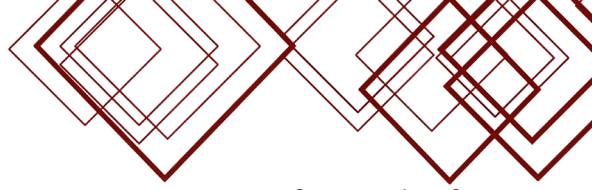


No *corpus* observado, as narrativas analisadas sugerem que as memórias migrantes venezuelanas, ao circularem no TikTok, não apenas documentam experiências de deslocamento, mas constroem sentidos coletivos marcados por afeto, dor, resistência e pertencimento. A partir da netnografia realizada e da análise dos vídeos e comentários identificados no TikTok, é possível identificar alguns indícios localizados tanto no campo das migrações cotidianas na América Latina, especialmente aquelas intensificadas pelo agravamento da crise venezuelana entre 2016 e 2018, quanto na forma como essas experiências são narradas, lembradas e compartilhadas no ambiente digital. Esse período foi marcado pela hiperinflação, pela falta generalizada de alimentos e medicamentos e pelo recrudescimento do isolamento político após a reeleição de Nicolás Maduro, o que contribuiu para ampliar significativamente os fluxos migratórios na região (HRW, 2025).

86

Essas memórias não são apenas registros do passado, mas práticas que interpelam o presente e projetam futuros possíveis. Elas se manifestam em diferentes registros e tons, que vão da saudade à denúncia, da ironia à esperança, e expressam as múltiplas posições dos sujeitos migrantes: aqueles/as que permanecem fora de seu país de origem, os/as que estão em trânsito e os/as que decidiram retornar à Venezuela. A seguir, examinaremos as estratégias de produção e circulação dessas memórias, atentando para suas dimensões afetivas, políticas e performativas no ecossistema digital do TikTok.

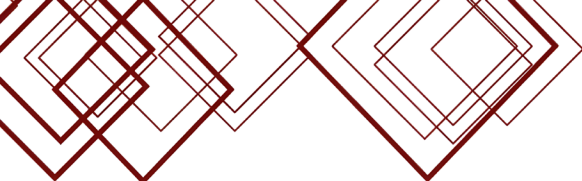
A primeira tipologia observada, que chamamos de Relato de Memórias (RM), é marcada pela oralidade direta e pela aparente espontaneidade. Nestes vídeos, os/as migrantes venezuelanos/as acionam a câmera para contar episódios de suas trajetórias: a fome sentida durante a travessia, a saudade da família, o preconceito enfrentado nos países de destino ou as estratégias de sobrevivência cotidiana. Em geral, são



vídeos com poucos cortes e recursos visuais, mas com forte apelo afetivo. O alto número de curtidas em casos como os perfis @georg3342 (262.000) e @ruthuzcategui4 (73.400) indica uma ressonância significativa dessas narrativas com o público da plataforma. Esses relatos funcionam como formas de legitimação da experiência migrante e produzem um campo de empatia e reconhecimento entre usuários/as que compartilham vivências semelhantes.

A segunda categoria, Memória em Performance (MP), envolve vídeos com maior elaboração estética, com uso de trilhas sonoras, legendas, filtros e efeitos visuais. Nesses casos, a memória é performada, encenada e editada como parte de uma narrativa construída para circular no ambiente da plataforma. Perfis como @suaaaaave_ e @mariita_012 exemplificam esse uso criativo dos recursos do TikTok para dramatizar momentos de ruptura, despedida ou reencontro. Embora alguns desses vídeos tenham baixo número de curtidas, seu conteúdo revela a complexidade dos afetos mobilizados: o orgulho pela resiliência, a tristeza pela separação e a esperança de retorno. A estética da performance, nesses casos, não reduz a densidade da memória, mas a reinscreve em um formato capaz de dialogar com os códigos da cultura digital.

A terceira tipologia identificada, Relato de Memória em Entrevista (RE), corresponde a vídeos nos quais migrantes aparecem em trechos de entrevistas para jornais, podcasts ou canais de notícias que foram editados e repostados no TikTok. Perfis como @laparejamasaburrída, @victorcastillonews e @latinanoticias operam como vetores de republicação, muitas vezes sem autoria clara, mas com forte apelo narrativo. Esses vídeos contribuem para a circulação ampliada de testemunhos, ainda que, em alguns casos, descontextualizem ou resignifiquem os conteúdos originais. A transposição desses fragmentos para o TikTok sugere uma “popularização” das memórias institucionais e aponta para



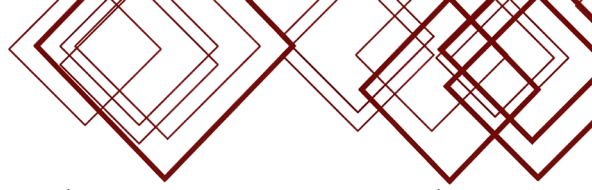
a fluidez entre registros jornalísticos e performativos.

Nos comentários dos vídeos, observam-se disputas simbólicas em torno do que deve ou não ser lembrado, de quem tem legitimidade para narrar e de como a migração venezuelana deve ser interpretada. Há respostas que expressam solidariedade, relatos de experiências semelhantes, conselhos, mas também comentários agressivos ou xenofóbicos, sobretudo quando os vídeos viralizam. A memória, nesse contexto, torna-se objeto de negociação pública: o TikTok funciona como arena em que discursos oficiais e contra-memórias se entrelaçam, revelando tensões políticas, étnicas e de classe. O engajamento (curtidas, comentários e compartilhamentos) não apenas amplia a visibilidade dos conteúdos, mas também ativa debates sobre pertencimento, cidadania e reconhecimento.

88

Por fim, é importante destacar que, embora essas memórias sejam ativadas por sujeitos migrantes específicos, seu alcance é transnacional. Muitos vídeos analisados receberam comentários de usuários/as residentes em outros países latino-americanos, sobretudo oriundos de Argentina, Brasil, Colômbia e Peru; países que, além de estarem entre os principais destinos da migração venezuelana na região, também concentram episódios recorrentes de xenofobia contra migrantes. Isso reforça o caráter regional das disputas em torno da migração venezuelana. Esses conteúdos desafiam a ideia de que a memória é local ou nacional, evidenciando sua condição transfronteiriça, digital e política. O TikTok, nesse sentido, não é apenas uma plataforma de entretenimento, mas um espaço de enunciação e confronto de sentidos, onde migrar é também lembrar e fazê-lo em público.

Como indica Gloria Anzaldúa (1987), viver na fronteira (geográfica, cultural ou simbólica) implica em habitar contradições, negociar



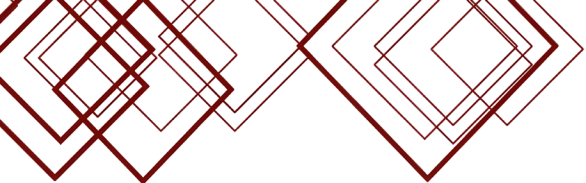
identidades e resistir a classificações binárias. Essa perspectiva ajuda a compreender os conteúdos analisados, em que migrantes venezuelanos/as expressam simultaneamente saudade, revolta, pertencimento e deslocamento. A fronteira, nesses vídeos, aparece como um espaço fluido, atravessado por múltiplas camadas de sentido, onde o ato de lembrar é também um ato de afirmar existência e dignidade.

Afetos e pertencimento alimentar: memórias migrantes em performance

Como mostra o giro memorial, memórias individuais ativadas no TikTok estão sempre ancoradas em contextos histórico-políticos amplos. No caso venezuelano, essas narrativas digitais articulam vivências íntimas com processos estruturais como crise econômica, carência de recursos, deslocamentos forçados e disputas de legitimidade política. A memória aparece, assim, como prática social situada, construída a partir da experiência migrante, mas também moldada pelas condições materiais, pelas desigualdades e pelos enquadramentos que atravessam a diáspora. Essa perspectiva permite compreender por que relatos cotidianos, vídeos curtos e performances visuais concentram camadas densas de afeto, dor e reivindicação, atuando como formas públicas de elaboração da experiência migratória.

89

Um dos temas centrais associados à emigração venezuelana desde 2015, com crescimento expressivo a partir de 2016, é a profunda crise vivida no país e a percepção amplamente disseminada de sua intensificação. Desde 2015, os Estados Unidos impuseram uma série de sanções econômicas à Venezuela, justificadas pela Casa Branca com base em denúncias de corrupção, violações de direitos humanos e erosão da democracia. Diversas organizações internacionais e analistas apontam que



tais medidas agravaram a crise econômica e humanitária, contribuindo para a escassez de alimentos, medicamentos e insumos básicos (HRW, 2025).

Essa combinação de fatores, somada às dificuldades estruturais internas, intensificou a emigração venezuelana e aparece reativada em diversos vídeos analisados, muitos dos quais associam diretamente a figura de Maduro a um imaginário de privação e pobreza. Entre os conteúdos, destaca-se a recorrência de comentários sobre as eleições de 28 de julho de 2024, data em que Maduro foi reeleito em meio a denúncias de irregularidades. Nos vídeos e nos comentários, nota-se uma ambiguidade afetiva: apesar da rejeição ao governo e à sua política econômica, muitos/as migrantes expressam forte saudade da Venezuela.

90 O vídeo com maior alcance da amostra analisada é o carrossel publicado pelo perfil @georg3342. A primeira imagem mostra um manifestante venezuelano enfrentando a Guarda Nacional Bolivariana, vestido com um pano com os dizeres “no hay comida”. O vídeo é acompanhado da legenda “y como era Venezuela en 2016/2017” e de uma música melancólica, que reforça o tom de tristeza. Em sequência, aparece uma mensagem de uma migrante, cuja localização atual não é identificada, dizendo: “yo me acostaba sin comer embarazada y mi hija pequeña sufre de bajo peso y talla debido a eso y todavía hay gente que cree en ese gobierno por amor a mis hijos es q aun sigo fuera del país”. A última imagem do carrossel mostra manifestantes enfrentando o exército. Um dos comentários de destaque, com 1306 curtidas, afirma: “y aun hay gente que se burla de eso y lo usan como insulto, no saben cuantas veces escuche la palabra ‘hambre’ cada que decía mi nacionalidad. Solo me río porque si ellos realmente entendieran lo que es+”.

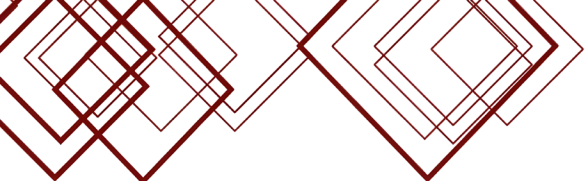
A memória da fome emerge nesse vídeo não apenas como tes-



temunho individual, mas como uma narrativa coletiva enraizada no trauma social vivido por milhões de venezuelanos/as durante os anos de colapso econômico. A fome, nesse contexto, torna-se marcador identitário para aqueles/as que migraram, sendo evocada como símbolo incontornável da diáspora forçada. O comentário destacado, que menciona a frequência com que a palavra “fome” era usada de forma pejorativa ao se identificar como venezuelano/a, revela como a experiência da fome ultrapassa o plano biológico ou material, sendo transfigurada em estigma social nos países de acolhimento. A evocação da fome, nesse vídeo, articula memória, dor e resistência, reconfigurando-a como uma ferida compartilhada que também exige reconhecimento. Nesse sentido, o TikTok funciona como uma arena onde os/as migrantes não apenas reconstroem narrativas pessoais, mas disputam os sentidos políticos e morais associados ao sofrimento vivido.

Em meio a relatos comoventes e denúncias explícitas, observa-se também o uso de ironia e humor como estratégias de enfrentamento. Comentários que brincam com os estigmas ou que ridicularizam insultos sofridos mostram que o riso, longe de neutralizar o sofrimento, pode funcionar como mecanismo de reapropriação narrativa. Essa comichidade ambígua é frequente no TikTok, plataforma em que a leveza aparente muitas vezes abriga camadas densas de crítica social. Ao rir da própria condição, os sujeitos migrantes resistem à posição de vítimas passivas, afirmando sua agência por meio da performance.

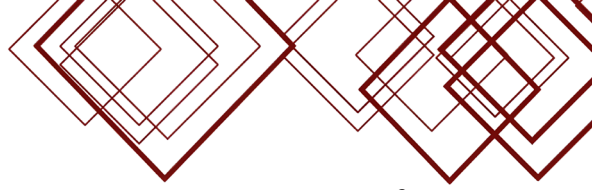
Outro exemplo importante é o vídeo do perfil @ruthuzcategui4, que dramatiza o relato anônimo de uma seguidora sobre sua experiência migratória no Peru e sua decisão de retornar à Venezuela. A narradora destaca os problemas estruturais no país de origem, como a constante falta d’água, mas também relata as dificuldades de adaptação em um país estrangeiro. Diz ter crescido em um “lugar maravilhoso” e que



já não reconhece a Venezuela atual. O perfil que publica o vídeo, de uma migrante residente nos Estados Unidos, se especializa em encenar histórias enviadas por seguidores/as. Nos comentários, emergem vozes que reafirmam o pertencimento à Venezuela, mas também a recusa ao retorno enquanto Maduro estiver no poder: “yo tengo siete años fuera de Venezuela y gracias a Dios me siento bien dónde estoy y si extraño a Venezuela pero no volveré mientras que maduro estás en el gobierno. Espero por Dios” (21/02/2025). Outro comentário reforça a ideia de que o que se sente falta não é exatamente do país, mas do tempo vivido: “siempre se lo digo a mi familia, no voy a regresar, ahora soy madre, mis hijos serían extranjeros y menos hablan español, y siempre lo digo no se extraña Venezuela se extrañan los momentos que vivimos y las situaciones. Siempre será mi país de nacimiento. Ya tengo 6 años por fuera, conseguí sacar a mi mamá y hermano, estamos bien donde estamos” (13/04/2025).

Essas narrativas ecoam também entre migrantes de outros países. Em dois comentários, bolivianos que vivem no Brasil compartilham suas experiências. Um deles afirma: “no es solo una venezolana en Perú... aquí como boliviana estoy en Brasil [B:R] extraño mucho mi Bolivia [B:O] que era... pero amo Brasil porque me dio la oportunidad de salir adelante, de cambiar mi forma de pensar” (20/04/2025). Outro escreve: “yo soy de Bolivia [B:O] y tengo 2 hijos nacidos en Brasil [B:R] y estoy bien. No pienso regresar a mi país... extraño mucho donde crecí, pero por la situación que pasa hoy mi país, no pienso volver. He ido a pasear, ver a mi papá... vivo hace 10 años en Brasil” (10/04/2025).

Os comentários nos vídeos funcionam como um segundo nível narrativo, no qual as memórias individuais se transformam em experiências compartilhadas. Ao relatarem situações semelhantes, outros/as migrantes/as venezuelanos/as e até de outras nacionalidades, ampliam o



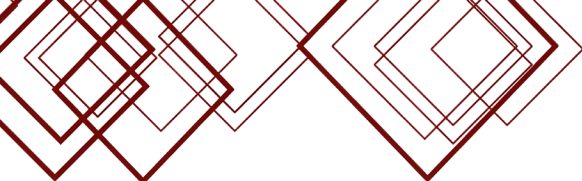
alcance simbólico da postagem. Esses comentários não apenas reforçam a identificação emocional, mas também transformam o TikTok em um arquivo colaborativo de memórias. A memória, aqui, não está contida no vídeo original: ela se estende, se modifica e se enriquece nos diálogos que ele provoca.

O vídeo publicado por @abitiktokconsejos também dramatiza uma história anônima, desta vez sobre uma mãe venezuelana e seu filho tentando cruzar a fronteira com o Chile. O governo chileno não autorizou a entrada da família, que acabou acolhida por moradores locais. No vídeo, uma mesma pessoa interpreta diversos papéis, respondendo a perguntas e justificando a migração. A personagem afirma ter deixado a Venezuela por falta de comida, trabalho e perspectiva de futuro, motivos que reaparecem em diversos outros relatos analisados.

O vídeo de @remesadaniel, perfil de uma empresa de remessas internacionais, apresenta uma entrevista com uma migrante venezuelana que conta como sustentou sua família nos Estados Unidos vendendo arepas. Um dos comentários se destaca pela crítica à política governamental: “👉👉👉 ATENCIÓN ATENCIÓN 👉👉👉 TÚ PAISANO VENEZOLANO ‘NACIDO EN REVOLUCIÓN’ CÁMBIATE EL CHIP 🗳️🗳️🗳️🗳️🗳️🗳️🗳️🗳️🗳️🗳️ POR TU BIEN 🙏🗳️” (17/12/2024). O usuário também republica o vídeo com a legenda: “tu paisano venezolano nacido en revolución, sácate el chip”.

93

A questão da alimentação aparece de forma marcante como gatilho de memórias. No vídeo de @mariita_012, a usuária retorna à Venezuela e mostra que o quarto de infância foi mantido intacto pela mãe. Ao fundo, a música “Fantasmas”, de HUMBE, intensifica o tom nostálgico. A legenda no vídeo diz: “emigré y a pesar de los años mi mamá mantuvo mi cuarto intacto 🥹”. Um comentário com 80 curtidas diz:

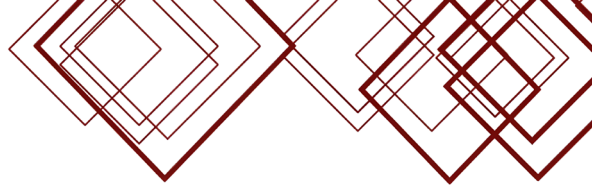


“dichosa tú porque cuando yo regresé después de 4 años no tenía nada de mis cosas, unas las regalaron, otras se dañaron”.

As escolhas estéticas feitas nos vídeos, trilhas sonoras, enquadramentos, uso de filtros e legendas, cumprem papel fundamental na ativação emocional das memórias. A música “Fantasmas”, usada no vídeo de @mariita_012 sobre o retorno ao quarto de infância, por exemplo, intensifica o sentimento de ausência e deslocamento. Da mesma forma, a combinação entre imagens em tom sépia, textos sobrepostos e *close-ups* de rostos chorosos ou alimentos típicos ativa uma gramática visual da saudade e da denúncia. Esses recursos reforçam o caráter performativo da memória no TikTok, onde a forma importa tanto quanto o conteúdo.

94 O vídeo de @suaaaaave_ tem apenas 10 segundos e mostra a autora comendo algo enquanto o texto diz: “cuando recuerdo lo que comíamos en Venezuela en 2016/2017 y veo lo que como en la actualidad **V|E|**”. A descrição inclui as *hashtags* #venezuelalibre #dictadura #venezolanosporelmundo. Embora curto e sem comentários ativados, o vídeo sintetiza a relação entre memória alimentar e crítica política.

O conteúdo publicado por @laparejamasaburrida, um podcast sediado em Miami, apresenta o relato de um migrante venezuelano com diploma acadêmico que, ao trabalhar cozinhando hambúrgueres, sofreu xenofobia e foi chamado de “veneco”. Um dos apresentadores comenta: “Nadie sale de Venezuela porque quiere, sino porque el país se volvió un narcogobierno”. Nos comentários, vários migrantes relatam experiências semelhantes de desqualificação profissional. Uma usuária escreveu: “Yo he emigrado 4 veces. Mi primer trabajo en Perú fue limpiando baños. En una oportunidad, una señora pasó al baño y se lavó las manos. Procedió a secárselas con papel, me miró y me lo tiró encima



🥹” (27/02/2025, 220 curtidas).

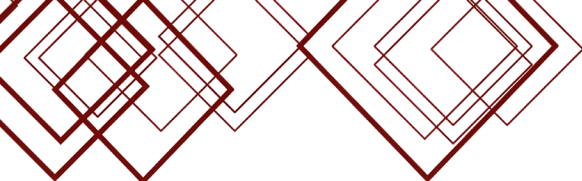
Nesse vídeo, o trabalho precário aparece como experiência comum da migração, mas também como lugar de desqualificação simbólica. O ato de cozinhar, atividade ligada à nutrição mas desvalorizada socialmente no contexto apresentado, torna-se marcador de desigualdade e xenofobia. Ao relatar o episódio de humilhação no local de trabalho, migrantes encenam memórias coletivas de perda de status e identidade profissional, ao mesmo tempo em que denunciam a xenofobia e o racismo estrutural que opera nos países de destino.

No vídeo de @victorcastillonews, uma migrante venezuelana recebe um pacote de Harina Pan, marca popular para fazer arepas. Ela chora e diz que se lembra muito do seu país. A legenda do vídeo diz: “lágrimas y nostalgia al recibir Harina PAN 🥹” e “porque le recuerda mucho a su país”. Um comentário afirma: “así reaccioné yo después de 5 años y logré conseguirla aquí donde vivo. Cuando mi esposo llegó con ella, casi lloro” (25/01/2024). Outro usuário comenta: “solo los venezolanos sabemos lo importante que es para nosotros tener un paquete de Harina Pan en casa, y más si estamos en otro país 🥹” (06/11/2023, 154 curtidas).

95

O alimento, neste caso, a Harina PAN, funciona como marcador afetivo de pertencimento nacional. Sua presença simbólica reativa memórias vinculadas à intimidade doméstica, ao cuidado e à cultura material da Venezuela, tornando-se um elo emocional entre o passado e o presente, entre o “lá” e o “aquí”. Em contextos de desterritorialização, o gesto de cozinhar ou receber esse alimento não é apenas prática de sobrevivência, mas de reinscrição subjetiva no mundo, de ancoragem identitária diante da ruptura migratória.

O vídeo de @naodreman é curto e mostra a usuária dizendo “ten-

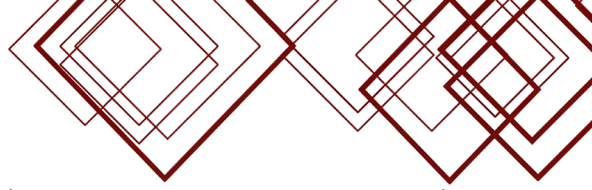


go el refri relló” enquanto abre o refrigerador, cheio de *hallacas* congeladas, prato tradicional venezuelano, geralmente consumido no Natal. Na legenda, lê-se: “Solita en el extranjero pero con el refri lleno de recuerdos con mamá 🥺🍷🎄👉🤍”.

Assim como a Harina PAN, a *hallaca* carrega consigo densas camadas de memória afetiva e coletiva. A preparação desse prato típico, especialmente associada ao Natal, atualiza uma temporalidade cultural que resiste à dispersão migratória. Ao mostrar o freezer com as *hallacas* e a legenda que remete à mãe, a usuária constrói uma narrativa de continuidade emocional e territorial, mesmo na ausência física. Trata-se de uma performance doméstica da memória, na qual o alimento age como ponte entre mundos e temporalidades.

96 A presença dos corpos nos vídeos é central para a elaboração das memórias migrantes. Em diversas postagens, a comunicação ocorre não pela fala, mas por meio de gestos e enquadramentos que enfatizam a corporalidade migrante: o rosto emocionado, a mão que abre o freezer, os olhos marejados, etc. Esses elementos não apenas ilustram, mas performam a experiência da ausência, da precariedade ou do reencontro. Como sugere Rivera Cusicanqui (2010), o corpo atua como arquivo: ele lembra, denuncia e resiste. Essa linguagem não verbal ganha potência particular no TikTok, onde a imagem tem primazia sobre a explicação discursiva.

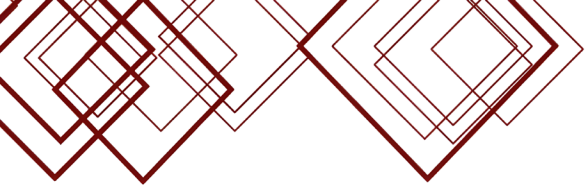
O último vídeo da amostra é do perfil @latinanoticias, e mostra um menino venezuelano migrante sendo entrevistado a caminho da fronteira com o México. O texto do vídeo diz: “niño sorprende al hablar sobre la situación migratoria de venezolanos”. Ele afirma: “somos más pobres que la pobreza”. Embora os comentários tragam mensagens de apoio, como “Mi niño bello 🥺🥺 no tiene por qué pasar por eso”



(11/03/2023, 576 curtidas), também aparecem críticas e suspeitas sobre a veracidade do relato com base nas roupas e óculos usados pela criança: “¿con gafas y corte a la moda?” (28/07/2024, 37 curtidas); “ese niño es buen actor 🤔🤔🤔🤔” (14/05/2023, 39 curtidas); “aún recuerdo a los niños de Puno sin ropa, con los zapatos rotos, pero la prensa prefiere entrevistar a un niño que dice ser pobre con polera y lentes” (11/05/2023, 615 curtidas). Um outro comentário oferece uma leitura alternativa: “El problema no es Maduro. El problema son los Estados Unidos con el montón de sanciones que le mete & todo porque Venezuela es aliada de **C****N** & **R****U**” (14/05/2023).

A comparação entre o que se comia na Venezuela em 2016/2017 e o presente configura uma narrativa de deslocamento material e simbólico. A alimentação é utilizada aqui como régua do tempo e da dignidade: o corpo que antes passava fome é agora capaz de escolher, comer e mostrar. A estética breve e impactante do TikTok permite condensar uma crítica política à escassez vivida no passado e afirmar, por contraste, um presente de autonomia, ainda que precária. A *hashtag* #venezuela-libre aponta para essa memória como denúncia, mas também como expectativa de transformação.

As narrativas analisadas revelam que as memórias migrantes venezuelanas, ao circularem no TikTok, não apenas documentam experiências de deslocamento, mas constroem sentidos coletivos marcados por afeto, dor, resistência e pertencimento. O alimento, o trabalho, a infância e a maternidade tornam-se vetores de enunciação política, transformando situações cotidianas em performances de memória. Nessa paisagem digital, os vídeos não apenas informam: eles interpelam, emocionam, polarizam e reconfiguram fronteiras identitárias.

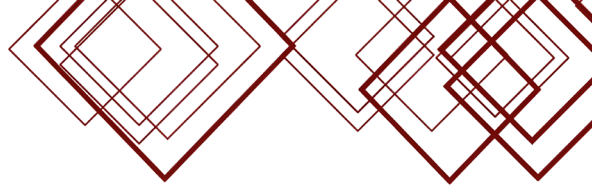


Considerações finais

A análise do *corpus* selecionado permite identificar como as memórias migrantes venezuelanas, ao circularem no TikTok, são produzidas em registros afetivos, políticos e estéticos que articulam dimensões individuais e coletivas da experiência. Recuperar brevemente o legado da memória social, que sublinha o caráter coletivo, situacional e compartilhado das lembranças, permite compreender como essas narrativas se inscrevem em matrizes históricas mais amplas. Ao mesmo tempo, a perspectiva do giro memorial reforça que tais lembranças não são apenas representações do passado, mas práticas sociais performadas em meio a desigualdades, disputas e fronteiras simbólicas que atravessam a migração venezuelana contemporânea.

98 A abordagem netnográfica empregada possibilitou acompanhar de modo sistemático não apenas os conteúdos publicados, mas também a forma como foram recebidos, narrados e atualizados por usuários/as da plataforma. Essa observação prolongada permitiu mapear interações, estéticas, sequências narrativas, usos de trilhas sonoras e padrões de circulação, compondo um quadro qualitativo que ilumina a gramática afetiva e política dessas memórias digitais. Trata-se de um recorte intencionalmente reduzido, que não pretende generalizar dinâmicas mais amplas do TikTok, mas que oferece indícios sobre como a plataforma tem sido mobilizada por migrantes venezuelanos/as para significar experiências de deslocamento.

Os vídeos analisados evidenciam que fome, saudade, precariedade laboral, xenofobia, afetos familiares e marcadores culinários de pertencimento constituem eixos centrais de elaboração memorial. Nessas narrativas, recordar a crise, performar o cotidiano e reencenar práticas alimentares se transformam em modos de afirmar dignidade, reivindi-



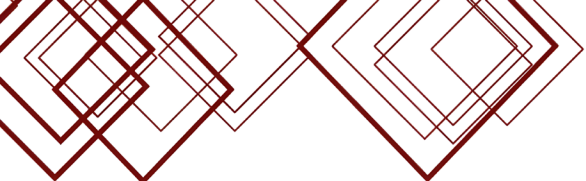
car reconhecimento e disputar sentidos sobre a migração. Ao tensionarem fronteiras entre o íntimo e o público, esses conteúdos revelam que a memória, mediada pelo ambiente digital, opera como prática política situada.

Embora o estudo não permita conclusões generalizantes sobre a circulação de memórias migrantes no TikTok, o conjunto observado sugere que a plataforma funciona, nesse contexto específico, como um espaço relevante de enunciação e disputa de significados. Nessa paisagem digital, registros cotidianos se convertem em performances afetivas que atualizam desigualdades, reafirmam vínculos transnacionais e elaboram feridas sociais. Assim, mais do que representar a experiência migratória, os vídeos analisados mostram como migrar é também lembrar e fazê-lo em público, produzindo memórias que se projetam entre territórios, temporalidades e formas de existir no mundo.

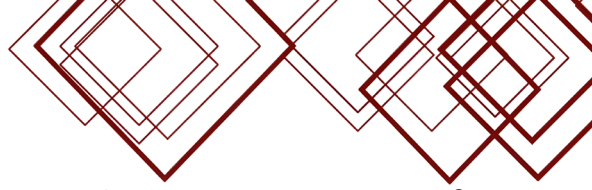
99

Referências

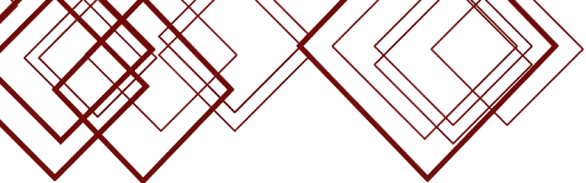
- ADRIAANSEN, R.-J. Social Media and Multimodal Historical Representation: depicting auschwitz on instagram. In: BERGER, S.; BRAUCH, N.; LORENZ, C.(ed.). *Analysing Historical Narratives: on academic, popular and educational framings of the past*. Oxford: Berghahn Books, 2021. p. 191-208.
- AHMED, S. *The Cultural Politics of Emotion*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004.
- ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- ARAUJO, V. L. de; PEREIRA, M. H. de F. *Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI*. 2. ed. Vitória/Mariana: Milfontes/Editora da Sbthh, 2019.



- ASSMANN, A. Canon and Archive. In: ERLI, A.; NÜNNING, A. (Orgs.). *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*. Berlin: Walter de Gruyter, 2008. p. 97–108.
- ASSMANN, A. *Cultural Memory and Western Civilization: Functions, Media, Archives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- ANTHIAS, F. Transnational mobilities, migration research and intersectionality. *Nordic Journal of Migration Research*, v. 2, n. 2, p. 102–110, 2012. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.2307/48711216>. Acesso em: 8 maio 2025.
- BRAH, A. *Cartographies of diaspora: Contesting identities*. London: Routledge, 2005.
- BUTZEN, G. A.; DULCI, T. M. S.. É POSSÍVEL APRENDER HISTÓRIA NO TIKTOK?. *Horizontes Históricos*, [S. L.], v. 9, n. 2, p. 236–255, 2024a. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/HORIZONTES/article/view/22099>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- BUTZEN, G. A.; DULCI, T. M. S. 60 ANOS DO GOLPE MILITAR: memórias e controvérsias no TikTok. *Sillogés*, [S. L.], v. 7, n. 2, p. 507-534, 31 jul./dez. 2024b. Disponível em: <https://historiasocialecomparada.org/revistas/index.php/silloges/article/view/156>. Acesso em: 01 abr. 2025.
- CAVALCANTE, R. B.; *et al.* Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Informação & Sociedade*, [S. l.], v. 24, n. 1, 2014.
- CREET, J.; KITZMANN, A. (Org.). *Memory and migration: multidisciplinary approaches to memory studies*. Toronto: University of Toronto Press, 2011.
- DATAREPORTAL. *Digital 2025: Venezuela*. 2025. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2025-venezuela>. Acesso em: 27 nov. 2025.



- BUTZEN, Gabriel Antonio; DULCI, Tereza M. Spyer. Netnografia como metodologia científica para pesquisa histórica nas redes sociais: o TikTok como estudo de caso. *Revista Hominum*, [S.I.], v. 11, n. 28, p. 65-72, maio 2025. Disponível em: <https://www.revistahominum.com/2025/05/edicao-28-edicao-de-maio-2025/>. Acesso em: 01 dez. 2025.
- ERLL, A. *Memory in Culture*. Londres: Palgrave Macmillan, 2021.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HUMAN RIGHTS WATCH. *World Report 2025: Venezuela*. 2025. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/world-report/2025/country-chapters/venezuela>. Acesso em: 8 maio 2025.
- JELIN, E. *Los trabajos de la memoria*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2002.
- JELIN, E.; VINYES, R. *Cómo será el pasado: Una conversación sobre el giro memorial*. Barcelona: Ned Ediciones, 2021. 101
- KOZINETS, R. *Netnography: the essential guide to qualitative social media research*. Los Angeles: SAGE, 2019.
- LUCCHESI, A. Condições de produção da História em tempos de interferências digitais: a contribuição da hermenêutica da prática. In: MONTEIRO, J. H.; QUEIROZ, T.; FERREIRA, R. (org.). *História: teorias, metodologias e itinerários contemporâneos*. Teresina: Cancioneiro, 2024. p. 255-279.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 30 nov. 2025.
- PALMBERGER, M.; TOSIĆ, J. (org.). *Memories on the move: experiencing mobility, rethinking the past*. London: Palgrave Macmillan,



2016.

PEREIRA, M. H. de F. *Lembrança do presente: ensaios sobre a condição histórica na era da internet*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

PIPER, N. The complex interconnections of the migration–development nexus: a social perspective. *Population, Space and Place*, v. 15, n. 2, p. 93–101, 2009. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/psp.535>. Acesso em: 8 mai. 2025.

RIVERA CUSICANQUI, S. El cuerpo como archivo. In: OXFAM BOLIVIA (Org.). *Mujeres en movimiento: cuerpo y territorio*. La Paz: Oxfam Bolivia, 2010. p. 10–15.

SANTOS NETO, V. S. dos; BRESSAN JÚNIOR, M. A. A tiktokização das narrativas orais: discutindo práticas caseiras de produção de memória em plataformas digitais. *História Oral*, [S.L.], v. 27, n. 01, p. 136-158, 1 maio 2024.

102 SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.